

**Sentido histórico, construção, reconstrução:  
dimensões da presença de catástrofes nas aulas de História**

**Historical sense, construction, reconstruction:  
dimensions of the presence of catastrophes in History classes**

**Sentido histórico, construcción, reconstrucción:  
dimensiones de la presencia de catástrofes en las clases de Historia**

*Josias José Freire Júnior<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo refletir teoricamente sobre a presença de experiências catastróficas nas aulas de História. Para tanto, serão apresentadas considerações sobre as questões da catástrofe e do trauma na História e os desafios impostos por tais temáticas, sua relevância e possibilidade de abordagem. Depois, serão discutidos aspectos em torno do trabalho com temas sensíveis nas aulas de História, que têm contribuído significativamente com a abordagem, nas aulas de História, de suas dimensões conflituosas. Por fim, a partir de reflexões sobre o tema do sentido histórico, serão desenvolvidas considerações sobre a dimensão estética do sentido histórico, particularmente no que se refere ao papel constitutivo dessa dimensão na produção da conexão entre história e vida.

**Palavras-chave:** Catástrofe. Sentido histórico. Aulas de História.

**Abstract:** This text aims to reflect on the work with catastrophic experiences in History classes. To this end, considerations will be presented on the issues of catastrophe and trauma for History, the challenges imposed by such themes, their relevance and possibility of approach. Afterwards, aspects surrounding the work with sensitive themes in History classes will be discussed. Finally, based on reflections on the theme of the historical sense, the

aesthetic dimension of the historical sense will be discussed, particularly in what concerns the constitutive role of this dimension in producing the connection between history and life.

**Key words:** Catastrophe. Historical sense. History Teaching.

**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre el trabajo con experiencias catastróficas en las clases de Historia. Para ello, se presentarán consideraciones sobre los temas de catástrofe y trauma para la Historia, los desafíos que imponen tales temas, su relevancia y posibilidad de abordaje. Posteriormente, se discutirán aspectos que rodean el trabajo con temas sensibles en las clases de Historia. Finalmente, a partir de reflexiones sobre el tema del sentido histórico, se discutirá la dimensión estética del sentido histórico, particularmente en lo que se refiere a la papel constitutivo de esta dimensión en la producción de la conexión entre la historia y la vida.

**Palabras clave:** Catástrofe. Sentido histórico. Enseñanza de la Historia.

[...] A história não é apenas uma ciência, mas igualmente uma forma de rememoração. O que a ciência ‘estabeleceu’, pode ser modificado pela rememoração. Esta pode transformar o inacabado (a felicidade) em algo acabado, e o acabado (o sofrimento) em algo inacabado.

Walter Benjamin.

Reconheçamos, pois, que o pensamento histórico [...] é movido pelo contrassenso da experiência da vida e sustentado pela confiança originária nos elementos prévios de sentido.

Jörn Rüsen.

Caracterizado como a “Era das Catástrofes” (HOBBSAWM, 2003), o período histórico inaugurado pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), ultrapassou as fronteiras cronológicas do século XX. As primeiras décadas do século XXI, mesmo com a promessa do fim da história e de seus conflitos, foram marcadas por catástrofes como o 11 de setembro de 2001 e a Pandemia de Covid-19, estabelecendo significativa continuidade com o século precedente, tal como o que foi compreendido por Walter Benjamin (1892-1940), como o tempo de catástrofes contínua (BENJAMIN, 2006, p. 154). Ainda para Benjamin, as rupturas que experiências catastróficas impõem ao curso linear e homogêneo da história ocidental marcam a própria continuidade desse período (BENJAMIN, 2006; 2013), cabendo a quem se ocupa da história evidenciar as rupturas inerentes a tal continuidade.

Os eventos catastróficos das últimas décadas transformaram as relações das pessoas com a experiência histórica, oferecendo desafios inéditos tanto para a produção histórico-científica quanto para as demais formas de se pensar e a história, no ensino de História e na história pública, por exemplo. Representação, continuidade e direcionamento da história,

noções que fundamentam a história no próprio processo de sua constituição como ciência, foram definitivamente colocados em questão pelas experiências do século XX: o sentido da história não poderia ser o mesmo.

Com intuito de refletir sobre os significados do trabalho com experiências catastróficas na história em geral e, particularmente, a presença dessas experiências no ensino de História, este texto apresentará reflexões sobre os limites e possibilidades do conhecimento histórico e seu ensino diante de tais experiências. Inicialmente, serão apresentadas considerações sobre como se caracterizam as experiências traumáticas e catastróficas para a história, seus conceitos e os desafios inerentes ao seu trabalho. Em seguida, se refletirá sobre a presença das experiências traumáticas no ensino de História, com algumas reflexões sobre o trabalho com os chamados temas sensíveis. Nesse contexto, a retomada das discussões desses campos possibilitará uma re colocação de questões acerca da presença do tema das catástrofes nas aulas de História, incorporando algumas compreensões hoje presentes no debate historiográfico, teórico e filosófico contemporâneos.

Os desafios apresentados por experiências catastróficas e pelo trauma na historiografia e no ensino de História ressignificam os vínculos entre o conhecimento histórico e a vida, ressaltando as dimensões éticas e estéticas dessa conexão. Objetiva-se, nesse sentido, reafirmar a importância da dimensão ético-estética implicada na formação histórica, além dos resultados cognitivos - do conhecimento efetivo do passado - e do engajamento político visado pela reflexão sobre temas sensíveis.

### **Catástrofe e sentido histórico**

A radicalidade dos eventos catastróficos que marcaram os séculos XX e XXI apresentam à história desafios em torno das particularidades e mesmo das possibilidades da produção de conhecimentos históricos sobre tais experiências. A violência extrema e massiva que caracteriza diversos episódios da história do século XX, coloca questões fundamentais para aqueles que se dedicam a pensar o lugar de tais eventos na história, e sua relação com a experiência humana.

Experiências decorrentes de eventos catastróficos interferem no modo de se relacionar com a história em suas diferentes dimensões, na medida em que colocam em questão o próprio papel da história como produção cultural humana dotada de sentido. Assim, é necessário compreender o fundamento da experiência histórica de constituição de sentido, de

modo que seja possível colocar em questão os desafios impostos pelas experiências catastróficas à história.

Para o teórico da história Jörn Rüsen, a experiência temporal é uma “dimensão fundamental, universal e elementar da vida humana” e, enquanto tal, exige uma apropriação “mediante feitos interpretativos da consciência humana”, para que “o ser humano possa orientar-se” estabelecendo uma “relação significativa” com tal experiência (RÜSEN, 2014, p. 255). Nessa perspectiva, a história é, essencialmente, uma produção humana que busca responder aos desafios impostos pela passagem do tempo.

Desse modo, diante dos desafios colocados pela experiência temporal, como a mudança e a contingência, o ser humano produz sentido para tal experiência. Por isso, Jörn Rüsen considera que “o espírito humano faz, do tempo, sentido” (2017, p. 04). Isto é, constituir sentido é a capacidade de integrar a experiência da mudança temporal em um contexto significativo, a partir do qual os seres humanos buscam compreender a si mesmos e seu mundo, com intuito de agir nele.

Ademais, é importante considerar que o sentido histórico produzido é sempre incompleto (RÜSEN, 2001, p. 57), pois exige constantemente o trabalho de interpretação que garante sua atualidade diante dos sempre renovados desafios colocados pela experiência. A transformação de tempo em sentido deve ser um exercício cultural permanente, na medida em que a mudança e a contingência igualmente não cessam.

Igualmente, deve-se reconhecer que a constituição do sentido histórico nunca é apenas construção, ao passo que depende de sentidos previamente construídos, presentes na cultura e na tradição, e a partir do qual o ser humano constrói e é construído pelo sentido histórico (RÜSEN, 2014, p. 175). É no processo constante de constituir sentido a partir da experiência temporal que determinados eventos e seus sentidos (e não-sentidos), devido às suas particularidades, colocam um desafio específico à capacidade humana de constituir sentido para tais experiências.

Para uma formulação teórica dos impactos de experiências catastróficas nos processos de constituição de sentido histórico, Jörn Rüsen propõe uma tipologia com três diferentes formas de experiência temporal, a saber, experiências normais, críticas e catastróficas (RÜSEN, 2022, p. 89). Trata-se, pois, de se discutir como tipos específicos de eventos participam do processo de constituição histórica de sentido.

Para Rüsen, experiências históricas “normais” se adequam aos “modelos interpretativos” disponíveis na cultura histórica (RÜSEN, 2022, p. 90) - isto é, trata-se da do desafio comum colocado pela experiência da passagem do tempo, a partir do qual se produz

sentido histórico. Já quando eventos históricos não se enquadram em modelos interpretativos previamente constituídos, têm-se as chamadas experiências históricas “críticas”. Eventos que perfazem experiências críticas exigem uma adaptação dos referenciais culturais prévios para a constituição histórica de sentido que foram “colocados em xeque” (RÜSEN, 2022, p. 21). Através da “modificação dos modelos de interpretação” (RÜSEN, 2015, p. 56) disponíveis na cultura, as experiências históricas fazem frente aos desafios oferecidos pela contingência temporal.

Entretanto, eventos históricos ainda mais radicais podem impedir a reconstrução do sentido histórico desenvolvido diante de eventos críticos, colocando muitas vezes a própria ausência de sentido desses eventos como incontornável. Tais eventos radicais são considerados por Rüsen como catastróficos (RÜSEN, 2021, p. 44), na medida em que destroem a estrutura cultural de referência para formação histórica de sentido, impedindo “qualquer tentativa de produzir uma coerência genuinamente histórica na sequência temporal dos eventos imanentes do mundo” (RÜSEN, 2015, p. 57). Trata-se, pois, de se reconhecer a experiência histórica catastrófica como produzida por eventos dotados de tamanha radicalidade que impossibilitam que o pensamento histórico mais genérico, responsável pela produção do sentido histórico em nível mais elementar, seja capaz de cumprir sua função de orientar a vida prática.

No entanto, a impossibilidade de se constituir sentido histórico pleno a partir de eventos catastróficos não afasta a necessidade destes serem “reconhecidos como históricos e de terem lugar nas interpretações historiográficas da história” (RÜSEN, 2021, p. 44), mesmo que para isso a “ausência de sentido (*senselessness*)” seja estabelecida no centro do ordenamento narrativo da história (RÜSEN, 2021, p. 45). A magnitude e radicalidade dos eventos históricos inaugurados no século XX colocam muitas vezes, lado a lado, o imperativo da necessidade e a impossibilidade como condições de se lidar com tais eventos. Essa dualidade aproxima eventos catastróficos da experiência do trauma, marcada em suas dimensões individual e coletiva tanto pelos traços da ambiguidade da repetição, da difícil, senão impossível, assimilação, quanto pelo caráter irrenunciável de seu trabalho, representado pela experiência do luto.

### **Trauma e luto como desafios para a História**

A compreensão dos significados de catástrofes para a experiência humana passa pelo entendimento dos conceitos de trauma e luto. A experiência do trauma e o trabalho do luto

ganharam espaço relevante na cultura ocidental a partir da psicanálise, sendo considerada central na dimensão teórica da obra de Sigmund Freud (1856-1939) (RUDGE, 2003, p. 103; EDLER, 2012). A partir das experiências catastróficas que marcaram o século XX, os dois conceitos passam a integrar discussões de diferentes campos do saber, especialmente da história.

Concernente a conceituação do trauma, já no contexto de suas primeiras formulações, é possível identificar elementos centrais para sua definição, como a noção de sua origem em uma experiência “marcante”, bem como a ideia de “um período de latência”, isto é, um caráter posterior do sintoma em relação ao evento, além da “concepção do traumatizado como alguém que sofre por conta dessa memória estranha que o habita” (SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 165). Já em suas elaborações posteriores, tendo como pano de fundo as discussões sobre o adoecimento mental em conflitos, “a situação traumática” é aquela que não é processada pela mente humana, e em relação à qual haverá uma “compulsão de repetição”, uma “tentativa atrasada, sempre condenada ao fracasso, de aparar o agente do trauma” (SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 165). Nessa perspectiva, o trauma surge como um marca psíquica oriunda de uma experiência dolorosa que, por não ter sido adequadamente assimilada, torna-se objeto de sofrimento recorrente.

O traumático é caracterizado, portanto, pelo retorno doloroso do que não pode ser compreendido no momento de sua ocorrência. Ademais, esse retorno não se dá como um evento lembrado, mas como repetição oposta e ameaçadora à memória, impedindo a construção a partir do evento traumático de uma “experiência que seja patrimônio da vida consciente onde transitam o esquecer e o lembrar” (ENDO, 2013, p. 47-48). Assim, o trauma instaura a repetição daquilo que não pode ser lembrado e muito menos ser esquecido (ALMEIDA; ATALLAH, 2008, p. 206) - a repetição do que não pode, em razão da gravidade de sua ocorrência, ser incorporado como parte da vida.

Trata-se, pois, no caso do trauma, de um esgotamento dos “recursos simbólicos” disponíveis para lidar com experiências de sofrimento (RUDGE, 2003, p. 113). Por isso, para Rüsen, diante de eventos traumáticos, a “linguagem do significado histórico se torna silenciosa”, sendo às vezes necessário a passagem de gerações para “encontrar uma linguagem que expresse a crise” (RÜSEN, 2021, p. 44) que a experiência traumática apresenta.

No contexto das reflexões sobre a história, é possível reconhecer que a experiência histórica traumática em primeiro lugar obsta a produção do sentido histórico, por estar aquém da linguagem e de seu processo de simbolização, que garante a constituição de sentido a partir

da experiência do tempo. O trauma histórico “coloca em questão as fronteiras entre o sujeito e seu mundo” (SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 163) ao instaurar uma fissura entre o acontecimento e a vida, entre o tempo e o sentido. Como algo que retorna por não ser compreendido, e marca dolorosamente a subjetividade dos indivíduos, que não conseguem conectar aqueles eventos à sua experiência, o trauma histórico age impedindo a integração do ocorrido na história - e, portanto, a sua conexão com a vida. Por isso, dentre os principais desafios para o trabalho da história com tais eventos estão os problemas relacionados à representação histórica e ao processo de historicização de tais eventos. Tais dificuldades se evidenciam no evento histórico considerado paradigmático em sua gravidade: o Holocausto (RÜSEN, 2001; 2022).

A radicalidade e proporções do genocídio nazista perpetrado contra os judeus fazem do Holocausto exemplo incontornável de experiência catastrófica e trauma histórico. Os eventos ocorridos no Holocausto destruíram os recursos clínicos capazes de lidar com os traumas de seus sobreviventes (HAMBURGUER, 2021, p. 07) do mesmo modo que os instrumentos culturais capazes de integrá-lo à experiências humana (CALDAS, 2022), sobretudo, as estratégias de constituição de sentido histórico (RÜSEN, 2001; p. 171).

A capacidade destrutiva de eventos catastróficos diante da experiência histórica tem no Holocausto seu principal modelo, ao passo que esse evento apresenta problemas incontornáveis à historicização (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 72; RÜSEN, 2005, 163-181) como possibilidade de incorporar acontecimentos em um contexto histórico significativo. Igualmente, eventos catastróficos apresenta desafios à representação histórica (SELIGMANN-SILVA, 2003; FRIEDLANDER, 1992), na medida em que trata-se de um evento-limite, radicalmente singular e incomensurável, tal como surge de maneira contundente na literatura de testemunho e nos desafios colocadas por essa à historiografia (SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 172). Representar eventos que desafiam a própria dimensão simbólica da linguagem, e os historicizar na integração em uma história são os desafios colocados pelas catástrofes que marcaram a história contemporânea e seu sentido.

Diante da grande complexidade ou mesmo da impossibilidade de historicizar e representar eventos catastróficos, o pensamento histórico deve assumir como tarefa o dever de contar tais histórias - como em Benjamin e sua tarefa/renúncia da tradução (2011, p. 101) - em direção a uma “virada testemunhal do saber histórico” (SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 173), ao preço excluir eventos traumáticos da cultura histórica, e perder o “poder explosivo” de problematizar os procedimentos tradicionais de historicização e representação, como se “nada tivesse acontecido” (RÜSEN, 2021, p. 49). Lidar com experiências catastrófica a partir

das referências tradicionais pode levar a transformação de experiências traumáticas em “mito de origem de legitimação” (LACAPRA, 2001, p. 12) ao ponto “sacraziá-los” (SCHURSTER; ARAÚJO, 2022, p. 16) como eventos de “trans-históricos” (RÜSEN, 2022, p. 98). Assim, ao destruir os modelos normais de constituição histórica de sentido, os eventos traumáticos colocam a exigência de se produzir outros modos de se reconectar à tais experiências, ao preço de perdê-las para compreensões não-científicas de senso comum, ou mesmo não-rationais, como o pensamento “quase mítico” (RÜSEN, 2001, p. 171) ou “mitos de origem” que legitimaram as “respostas paranoicas ao 11 de setembro” e a aceitação, por exemplo, da “suspensão de direitos” na “guerra ao terror” (LACAPRA, 2001, p. xiii-iv).

Para evitar isso, Seligmann-Silva compreende que as experiências traumáticas colocam a necessidade para o pensamento histórico de se reconsiderar sua dimensão ética (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 63), na medida em que deve-se “criar uma prática e um pensamento capaz de lidar com a singularidade e a imanência dos eventos” (SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 176), como “compromisso entre o trabalho da memória individual e outro construído pela sociedade” (SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 143), que tem a literatura de testemunho como modelo.

Ao lado desse compromisso ético, também emerge nas discussões acerca do trabalho com experiências catastrófica a ênfase na sua articulação com uma dimensão estética da experiência, por exemplo nas propostas de LaCapra da produção de “efeitos na escrita” (2001, p. 41) que gerem “desconforto empático” (2022, p. 37) como “modo de significação ou representação” (2004, p. 136), de uma experiência do trauma que seja “virtual”, e não “substituta”, como na “identificação” (2004, p. 125; 2022, p. 37) mítica com as vítimas, potencialmente reacionária; ou da concepção de Rüsen de “traumatização secundária” como a incorporação das “perturbações” de sentido “no âmbito dos procedimentos metódicos da interpretação e dos procedimentos narrativos da representação histórica” (2022, p. 98). Essas experiências de ressignificação, representação e interpretação das experiências traumáticas se aproximam (LACAPRA, 2001, p. 68; RÜSEN, 2022, p. 89) do modelo cultural paradigmático do trabalho do luto, e das possibilidades de se reconhecer a conexão entre ele e o pensamento histórico.

A psicanálise apresenta o trabalho do luto como processo elementar de resposta ao sofrimento causado pelo trauma (ROSA, 2018, p. 295). Esse procedimento, embora fortemente associado às reflexões freudianas (FREUD, 2011), possui uma generalidade cultural mais ampla, marcando a experiência fundamental de reconexão entre eu e o mundo, após a ruptura da relação com um objeto perdido, que muitas vezes representa a

perda traumática de parte do “eu” associada aquele objeto (EDLER, 2012, p. 33-34). O trabalho do luto de elaboração das experiências traumáticas se aproxima de maneira significativa com os processos mentais de ressignificação da mudança e da contingência que caracterizam o pensamento histórico, na constituição de sentido a partir da experiência temporal, como sugere Rüsen ao refletir sobre o luto como “operação mental da consciência histórica” (RÜSEN, 2005, p. 149). Dar sentido à experiência temporal é sempre lidar com a perda de algo inerente à passagem do tempo.

Como prática cultural, o luto possui essa dimensão “geral e fundamental” de resposta à perda individual (RÜSEN, 2005, p. 150), e por isso, o conhecimento histórico deve também ser questionado acerca de como se relaciona com essa dimensão da experiência humana (RÜSEN, 2008a, p. 48). Isso possibilita ao pensamento histórico incorporar a noção do luto como “atividade intelectual”, cuja principal categoria seria a do “sofrimento”, como “categoria da interpretação geradora de sentido do mundo humano” (RÜSEN, 2008b, p. 195). O sofrimento, pois, deve ser reconhecido como elemento constitutivo dos processos de produção de sentido.

Ao se pensar em um lugar para a perda e o sofrimento na história, evidencia-se um olhar sensível ao passado, que configura-se como compromisso ético de requalificação da conexão entre passado e presente pela via do compromisso. Reflexões aproximadas a estas são desenvolvidas em discussões com a História ensinada e aprendida na sala de aula, especialmente pelos desafios éticos e políticos colocados contemporaneamente, aos quais campos como o do trabalho com eventos sensíveis nas aulas de História tem respondido de modo significativo.

### **A presença das catástrofes nas aulas de história**

Nos últimos anos, um conjunto de discussões em torno do trabalho com eventos históricos violentos, controversos e complexos nas aulas de História tem contribuído com a constituição de novos campos que buscam compreender particularidades, desafios e possibilidades desse trabalho. Trata-se dos campos que trabalham, no ensino de História, com temas difíceis, pesados ou sensíveis. O trabalho com temas sensíveis em aulas de História surge recentemente como uma demanda da própria sociedade, na qual a “escola é chamada a ensinar o trauma, a injustiça, o preconceito e o sofrimento” (GIL; CAMARGO; 2018, p. 141). Trata-se, assim, de uma parte da sociedade que busca evidenciar a natureza conflituosa da

história, e reconhece o protagonismo da escola e do ensino de História na discussão dessas questões.

Se o referido protagonismo da escola e das aulas de História na produção de saberes e problematizações em torno de temas sensíveis é alvo de controvérsias, perseguições e de negacionismos, ao mesmo tempo a relevância e urgência de tais temáticas é ressaltada nos interesses de estudantes e na ação de docentes de história (SEFFNER, 2019). Embora tenha uma história relativamente recente e ainda alguma heterogeneidade em sua definição, discussões em torno de temas sensíveis se fazem presentes em diferentes contextos e colocam questões em comum, como por exemplo acerca das dimensões éticas e políticas do conhecimento histórico produzido na escola, aproximando-se significativamente, embora não se limitando, às discussões teórico-filosófica em torno da experiência do trauma e de seus significados para a história.

Para Schmidt, o campo de estudos acerca do ensino de temas sensíveis tem-se ampliando nos últimos anos em diversos países (2015, p. 17-18). No caso da América Latina, a discussão de temas sensíveis “gira em torno da memória no âmbito da história recente” (GIL, MESQUITA, 2020, p. 04). No contexto brasileiro, pode-se considerar que as discussões acerca de temas sensíveis em aulas de História é um campo em processo consolidação (SCHMIDT, 2015, p. 21) e que, nos últimos anos, buscou reunir “legitimidade” para as “histórias e memórias” de “diferentes grupos”, “questionando a homogeneização que marca a ideia de nação” (GIL; CAMARGO, 2018, p. 143). Nessa direção, pode-se compreender que temas sensíveis também se estabelecem a partir de uma temporalidade específica, de sua persistência no presente como algo a ser resolvido.

Percebe-se, ademais, que a definição desse campo abarca às vezes “uma história traumática”, outras vezes “episódios históricos considerados controversos e/ou conflituosos” (SCHMIDT, 2015, p. 23). Dessa forma, temas sensíveis podem se referir a eventos-limite, como catástrofes históricas e seus traumas, ou a temáticas politicamente controversas, cuja apropriação se dá em um processo de disputas. Essa delimitação, ora mais ampla, ora mais específica, aparece também na multiplicidades de formas de se refere a esse campo: “questões sensíveis”, “questões controversas”, “história difícil/temas controversos”, além “temas sensíveis” (GIL; MESQUITA, 2020, p. 02), terminologia aqui utilizada por sua referência à sensibilidade e ao sentido.

Na acepção mais ampla do campo, questões sensíveis podem ser identificadas, para Gil e Camargo, seguindo Tutiaux-Guillon, como aquelas "carregadas de emoções, politicamente sensível, intelectualmente complexa e importante para um presente e futuro em

comum” (2018, p. 142). Trata-se, pois, de “memórias em disputa” (ALBERTI, 2014, p. 2 apud GIL; CAMARGO, 2018, p. 142), temas sobre os quais é difícil falar por não haver “consenso da sociedade sobre o que dizer ou como falar desse passado” (ARAÚJO et al. 2013, p. 9 apud GIL; CAMARGO, 2018, p. 143). Esses temas podem ser entendidos como aqueles sobre os quais a compreensão social dos mesmos é controversa, sendo a história um meio importante na evidenciação e ressignificação de tais temas.

Catástrofes históricas e seus efeitos traumáticos podem ser considerados temas sensíveis, embora muitos desses não alcancem o estatuto nem a problemática, para a história, apresentada pelas catástrofes. Assim, tendo em mente a tipologia proposta por Rüsen (2022), nem todos temas sensíveis representam uma crise catastrófica para a história, embora muitos desses temas estejam associados a catástrofes e traumas. Do mesmo modo, pelas discussões desenvolvidas em torno do trauma e do trabalho do luto, pode-se reconhecer que toda catástrofe histórica é um tema sensível para o ensino de História, portanto, as discussões colocadas pelos campos que se propõem refletir sobre tais temas no ensino de História são essenciais para se pensar catástrofe e trauma no ensino de História.

Ademais, considera-se, seguindo Gil e Camargo, que uma dimensão fundamental presente no trabalho com temas sensíveis é das “emoções que são mobilizadas na abordagem de questões sensíveis” (2018, p. 146). A mobilização de emoções pode estabelecer um vínculo ético entre as experiências de quem ensina e de quem aprende história, com a experiência de quem vivenciou eventos traumáticos (GIL; CAMARGO, 2018, p. 147). Nessa direção, enfatiza-se a questão a dimensão ética do ensino de História, como reflexão sobre “os efeitos esperados do ensino, na medida em que o ato de ensinar faz um recorte no passado, e este se dá em função das demandas do presente” (PEREIRA; SEFFNER, 2018, p. 17). A dimensão ética do ensino de História é ressaltada pela conexão significativa entre os temas estudados e a experiência das pessoas envolvidas nos processo de ensinar e aprender História; conexão essa que pode representar um compromisso com os sofrimentos e injustiças passadas, capaz de criar uma “ponte’ que interpela a própria experiência dos alunos” (DE SANTIS, 2021, p. 19) e os acontecimentos históricos catastróficos.

Nessa direção, as aulas de História podem promover um “encontro entre gerações”, no qual “os jovens, a partir de suas próprias vivências, apropriem-se das experiências traumáticas do passado” (DE SANTIS, 2021, p. 24). A dimensão ética do ensino de temas difíceis ou sensíveis nas aulas de História evidencia a sua vinculação aos contextos de disputas no presente, e principalmente a posição a se tomar diante de tais disputas. Ao lado dessa

dimensão ética, as discussões sobre temas sensíveis em História também enfatizam uma dimensão estética desse trabalho.

A compreensão do campo de discussões de temas difíceis em História como “encontro de gerações” como possibilidade de apropriação das experiências traumáticas tangencia pois um aspecto decisivo da presença desses temas nas vidas das pessoas: o fato de que as catástrofes já estão presentes na própria realidade vivida - os contextos nos quais estão inseridos foram igualmente resultados da história catastrófica. Pode-se falar, portanto, também em temas sensíveis enquanto latentes, que interpelam a subjetividade antes mesmo de serem colocados em uma aula de História, por exemplo. Desse modo, o campo do trabalho com temas sensíveis em aulas de História e as reflexões sobre catástrofes e experiências traumáticas na história encontram no compromisso ético entre passado e presente também uma dimensão estética, no duplo vínculo entre presente e passado, na abordagem desses temas nas aulas e na presença do passado em cada presente que o interpela, respectivamente. Trata-se, pois, de um encontro das gerações do presente com o passado, e de um passado que espera esse encontro, que “dirige um apelo” (BENJAMIN, 1994, p. 223) a cada presente.

Contudo, ao se destacar a dimensão estética da produção de sentido a partir de experiências traumáticas, não se trata de “estetizar” os eventos históricos tornando-os objetos de mera fruição artística (SANTNER; 1992, p. 151; SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 21; LACAPRA, 2001, p. 64-65), de tornar a dimensão estética da cultura histórica autônoma em relação às dimensões cognitiva e política (RÜSEN, 2007, p. 129), ou mesmo do sentido estético com “competência originária” da constituição de sentido (RÜSEN, 2007, p. 132), mas de reconhecer, na articulação dessas dimensões, a possibilidade de fazer frente aos desafios colocados pelas experiências catastróficas inscritas no presente.

Propõem-se, ao contrário, pelo reconhecimento da “ausência de sentido como um sentido estético” (RÜSEN, 2001, p. 172), construir uma conexão de outra ordem com a experiência histórica traumática. Ao se levar o pensamento histórico aos seus limites, “no ponto em que o pensamento histórico se enraíza no sentido acontecido [...] da história efetivada concretamente no presente”, (RÜSEN, 2015, p. 286) a ação e, sobretudo, o sofrimento humanos, revelam-se como constituidores da experiência histórica, e dirigem-se como desafios ao presente. É no substrato da experiência histórica humana, na qual o passado “está vivo nas circunstâncias e condições da atividade e do sofrimento humano” (RÜSEN, 2008a, p. 50) que um nível fundamental do sentido estético, transformado pela história em “resultados cognitivos” (RÜSEN, 2015, p. 285) reside. O passado “vivo” inclui também a experiência dos mortos que “não estão mortos” (RÜSEN, 2014, p. 174), cuja experiência é ao

mesmo tempo inabarcável e irrecusável. Se as experiências das vítimas são inacessíveis, elas também estão sempre presentes na dimensão de ação e sofrimento humanos que construíram o mundo. Em Walter Benjamin essa perspectiva já aparece na figura da compreensão da história, revelada pela alegoria, como “história mundial do sofrimento” (1984, p. 188), nas formulações de que toda cultura porta a “barbárie” e que o progresso é sempre catástrofe (1994, p. 225-226) e de que a história pode revelar o sofrimento inscrito em cada presente, sendo assim capaz de o ressignificar.

O pensamento histórico é, assim, “efetuação” de “duas histórias ao mesmo tempo” (RÜSEN, 2014, p. 176): uma voltada à realidade “na qual o próprio pensamento histórico ‘atua’ como energia da orientação cultural do agir e sofrimento humanos e a outra na qual a energia é constatada no acontecimento do passado” (RÜSEN, 2014, p. 168). Essa energia é o “apelo” que o passado dirige a cada presente, o determinando silenciosa e persistentemente - “não existe nas vozes que escutamos ecos de vozes que emudeceram?” (BENJAMIN, 1994, p. 223).

Essa compreensão é também apresentada por Jörn Rüsen ao discutir o aprendizado histórico como processo de transformação pela história (2011). Quando o campo do trabalho com temas sensíveis coloca na forma de histórias as experiências históricas traumáticas para serem apropriadas pelo sujeitos, trata-se da “subjetivação do objeto” (RÜSEN, 2011, p. 82) por aqueles que participam desse processo: um ponte lançada entre o presente e o passado. Ao mesmo tempo, o passado sempre interpela os sujeitos no presente, ao lhes determinar as condições de vida e de produção de sentido no processo de “objetivação dos sujeitos” (RÜSEN, 2011, p. 82). Dada sua radicalidade, experiências catastróficas podem escapar à subjetivação, mas nunca deixam de determinar os sujeitos, agindo “prescritivamente em direção a todos esforços conscientes de aprendizagem” (RÜSEN, 2011, p. 83), por incrustar o mundo no qual habitam.

As possibilidades da ressignificação da falta de sentido pela dimensão estética do conhecimento histórico reside, pois, primeiramente, no mundo da vida, realidade prévia ao pensamento histórico (RÜSEN, 2008a, p. 46; 2015, p. 99). Assim, entende-se que não se trata de um sentido estético criado para o passado, mas de “rememorar sentido”: aqui a o trabalho com a história “tornar-se [...] simultaneamente” “mais modest[o]”, “pela renúncia à criação de sentido”, e mais “plausível”, “porque recorre ao sentido já instituído e existente no mundo dos homens” (RÜSEN, 2007, p. 78). Esse sentido “já instituído”, pré-cognitivo e construtor das condições para o pensamento histórico, é a “história mais histórica (*most historical history*)”, que pode ser acessada apenas, ou pelo menos primeiramente, pelas emoções (RÜSEN, 2008a,

p. 46). O sentido histórico sintetiza o sentido previamente dado e a atribuição de sentido (RÜSEN, 2014, 76), que no caso das experiências catastróficas, passa pelo reconhecimento da falta de sentido. Por isso, o imperativo ético de contar a história das catástrofes é igualmente uma abertura estética para experienciar o mundo constituído também pelas catástrofes e seus traumas.

### **Sentido histórico entre ciência e rememoração: algumas considerações finais**

As discussões em torno da catástrofe e do trauma na história, bem como o trabalho com temas sensíveis nas aulas de História, apresentam reflexões que enfatizam o caráter constitutivo do sofrimento e da ausência de sentido para a experiência histórica - e portanto, da necessária, embora altamente desafiadora tarefa de lidar com a catástrofe e seus traumas na história. Trata-se do desafio de se reconhecer que as experiências traumáticas estariam presentes primeiramente nos contextos socioculturais que determinam a existência dos indivíduos, indicados pelos conflitos instauradores do presente. A re-construção de sentido para eventos catastróficos passa, portanto, pelo reconhecimento de sua singularidade radical, pela compreensão da impossibilidade de que o mesmo seja normalizado, e pela abertura sensível à sua presença no presente.

O trabalho com experiências traumáticas, cujo procedimento cultural arquetípico é o luto, encontra elementos para sua estruturação em esforços teóricos, como nas noções de “inquietação empática” de Dominick LaCapra, nas concepções de “virada testemunhal do saber histórico”, de Márcio Seligmann- Silva, bem como nas discussões de Jörn Rüsen sobre a constituição de sentido a partir da ausência de sentido. Nesses casos, as dimensões ética e estética do saber histórico são reconhecidas como fundamentais para a produção de sentido histórico, onde a dimensão cognitiva da história não poderia sozinha avançar.

Particularmente na teoria da história de Rüsen, as reflexões sobre a dimensão estética e as relações entre construir e ser construído pelo sentido histórico possibilitam alguma orientação entre as contradições e desafios inerentes ao trabalho com catástrofes em história. A pujante formulação benjaminiana de que o próprio decurso da história é a catástrofe, não pode de modo algum normalizar a catástrofe, mas indicar que o sentido no mundo é contrassenso, a partir do qual buscamos, cotidianamente, dar sentido. Essa busca compõem uma dimensão constitutiva da história, anterior à qualquer elaboração científica: a de ser um atividade humana de manter vínculos diante e em razão da perda e do sofrimento.

O trabalho com experiências catastróficas e traumas históricos nas aulas de História pode, ao buscar restabelecer conexões éticas e estéticas com o sofrimento inerente a tais experiências, sugerir que essas aulas sejam, além de locais para apresentação das catástrofes e traumas históricos como conteúdos, espaços de compromisso ético e político com as injustiças e sofrimentos passados, e de desenvolvimento de uma sensibilidade capaz de “rememorar o horror sob o leve manto da vida cotidiana” (RÜSEN, 2022, p. 98), na presença da falta de sentido a partir da qual o sentido histórico pode surgir.

## Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Leonardo Pinto de; ATALLAH, Raul Marcel Filgueiras. O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica** [online]. 2008, v. 11, n. 2, pp. 203-218. 18 Nov 2008. Disponível em: <https://shre.ink/cDHf>. Acesso 11 out. 2022.
- BENJAMIN, Walter. **Baudelaire**. Edição de Giorgio Agamben, Barbara Chitussi, Clemens-Carl Härle. Trad. Patrick Charbonneau. Paris: La Frabrique Éditions, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **Escritos Sobre Mito e Linguagem (1915-1921)**. Trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **A Modernidade**. Obras Escolhidas de Walter Benjamin. Trad. de João Barrento. Lisboa: Assírio e Alvim: 2006.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas v. 1. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7 Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução, apresentação e notas de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- CALDAS, Pedro. Experiência traumática e conhecimento histórico: reflexões a partir da obra de Jörn Rüsen. In: DE OLIVEIRA, Margarida; SANTIAGO JUNIOR; Francisco; LIMA, Caio Rodrigo (Orgs.). **Jörn Rüsen: teoria, historiografia, didática**. Ananindeua: Cabana, 2022. p. 167-183.
- DE SANTIS, Adrianna Cristina Lopes Setemy. Ensino de História, memória e direitos humanos: reflexões sobre a transmissão da memória através do ensino de passados traumáticos. **Revista História Hoje**, v. 10, no 19, p. 12-29 - 2021. Disponível em <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/752>. Acesso em 27 de fev. 2023.
- EDLER, Sandra. **Luto e melancolia: a sombra do espetáculo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- ENDO, Paulo. Pensamento como margem, lacuna e falta: memória, trauma, luto e esquecimento. **Revista USP**, São Paulo, n. 98, p. 41-50. Junho/Julho/Agosto 2013. Disponível em: <https://shre.ink/cOhI>. Acesso em 25 de out. de 2022.

- FRIEDLANDER, Saul (org.). **Probing the Limits of Representation**. Nazism and the “Final Solution”. Harvard University Press: Cambridge, 1992.
- FREUD, S. **Luto e Melancolia**. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac e Naify, 2011.
- GIL, Carmen; CAMARGO, Jonas. Ensino de História e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 139–159, 2018. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/430>. Acesso em: 13 fev. 2023.
- GIL, Carmen.; MESQUITA, Ilka Miglio de. Ensino De História Com Questões Sensíveis. **Pensar a Educação em Revista**, Florianópolis/Belo Horizonte, ano 6, vol. 6, n. 2, jun-ago 2020. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/216334>. Acesso 14 fev. 2023.
- HAMBURGER, Andreas. Social Trauma: A bridging Concept. In: HAMBURGER, Andreas; HANCHEVA, Camellia; VOLKAN, Vamik D. (Org.) **Social Trauma: An Interdisciplinary Textbook**. Springer Nature, Switzerland, 2021. p. 3-16.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- LACAPRA, Dominick. **Traumatropismo: Do Trauma Ao Sublime Pela Via do Testemunho**. trad. Demerval Sena Junior. In: FREDRIGO, Fabiana; GOMES, Ivan. **História e Trauma: Linguagens e Usos do Passado**. Vitória: Editora Milfontes, 2020.
- LACAPRA, Dominick. **History in transit: experience, identity, critical theory**. Cornell University, 2004.
- LACAPRA, Dominick. **Writing History, Writing Trauma**. Johns Hopkins University Press. Baltimore, 2001.
- PEREIRA, N. M.; SEFFNER, F. Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 14–33, 2018. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/427>. Acesso em: 13 fev. 2023.
- ROSA, J. R. Trauma, história e luto: a perlaboração da violência. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 289 - 327, 2018. Disponível em: <https://shre.ink/cOw4>. Acesso em: 13 fev. 2023.
- RUDGE, Ana Maria. Trauma e Temporalidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. Ano VI, n. 4, dez. 2003. Disponível em: <https://shre.ink/cDxF>. Acesso em 25 de out. de 2022.
- RÜSEN, Jörn. **Cultura histórica, formação e identidade: sobre os fundamentos da didática da história**. Trad. Estevão Martins. Curitiba: WAS Edições, 2022.
- RÜSEN, Jörn. The Wounds of History: About the historical dealing with traumatic experiences. In: HAMBURGER, Andreas; HANCHEVA, Camellia; VOLKAN, Vamik D. (Org.) **Social Trauma: An Interdisciplinary Textbook**. Springer Nature, Switzerland, 2021. p. 43-54.

- RÜSEN, Jörn. “Senso e contrassenso na História: reflexão sobre o perfil de uma filosofia da História”. Traduzido por Estevão de Rezende Martins. **Intelligere**, Revista de História Intelectual, vol. 3, n.2, p. 1-12. 2017. Disponível em <http://revistas.usp.br/revistaintelligere>. Acesso em 22 de jun. de 2022.
- RÜSEN, Jörn. **Teoria da História: Uma Teoria da História Como Ciência**. Trad. Estevão Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015.
- RÜSEN, Jörn. **Cultura Faz Sentido: Orientações Entre o Ontem e o Amanhã**. Trad. Nélio Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- RÜSEN, Jörn. **Experiência, Interpretação, Orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica**. In: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R (org). Jörn Rüsen E O Ensino de História. Curitiba: Ed. UFPR, 2011. p. 79-91.
- RÜSEN, Jörn. Emotional Forces in Historical Thinking: Some Metahistorical Reflections and the Case of Mourning. **Historiein**, 8, p. 41–53. 2008a. Disponível em <https://shre.ink/cDxu>. Acesso 15 de nov. de 2022.
- RÜSEN, Jörn. Humanism in response to the Holocaust - destruction or innovation? **Postcolonial Studies**, 11:2, p. 191-200. 2008b. Disponível em <https://shre.ink/cDx7>. Acesso em 15 de nov. de 2022.
- RÜSEN, Jörn. **História Viva: Teoria da História: Formas e Funções do Conhecimento Histórico**. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- RÜSEN, Jörn. **History: Narration, interpretation, orientation. Making sense of history**. Berghahn Books, New York, Oxford, 2005. p. 163-188.
- RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica: teoria da história. Fundamentos da ciência da história**. Trad. Estevão Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- SANTNER, Eric. History beyond the Pleasure Principle: some thoughts on the representation of Trauma. In: FRIEDLANDER, Saul (org.). **Probing the Limits of Representation. Nazism and the “Final Solution”**. Harvard University Press: Cambridge, 1992. p. 143-155.
- SCHURSTER, K.; ARAÚJO, R. P. de. O ensino de história dos traumas sociais coletivos e dos temas socialmente vivos: trajetórias de um campo disciplinar. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 14, n. 36, p. e0108, 2022. Disponível em: <https://shre.ink/cDxq>. Acesso em: 25 out. 2022.
- SCHMIDT, M. A. M. dos S. Aprendizagem da “burdening history”: desafios para a educação histórica. **Mneme - Revista de Humanidades**, [S. l.], v. 16, n. 36, p. 10–26, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/8094>. Acesso em: 14 fev. 2023.
- SEFFNER, Fernando. Três territórios a compreender, um bem precioso a defender: estratégias escolares e Ensino de História em tempos turbulentos. In: RALEJO, Adriana; MONTEIRO, Ana Maria (orgs.). **Cartografias da pesquisa em ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019. p. 21-42.
- SELIGMANN-SILVA, M. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2022.

SELIGMANN-SILVA, M. O testemunho entre a ficção e o 'real'. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

### Notas:

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. E-mail: [freire.josias@gmail.com](mailto:freire.josias@gmail.com) / <https://orcid.org/0000-0002-8524-7146>